

## NÓS LEMOS DA VIDA UM CAPÍTULO, ELE LEU UM LIVRO INTEIRO

---

TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS (UFSC)

---

Aos meus alunos de Literatura Brasileira na UFSC,  
dedico meus anos de Machado de Assis - 21.06.89.

O "Segundo Caderno" do jornal *O Globo*, RJ, de 28.05.1989, colocou em primeira página, a perplexidade da jornalista Isabel Cristina Sauad, num artigo ironicamente chamado ILUSTRE DESCONHECIDO. Ao lado do teste aplicado a constatação:

"Alunos de Letras de três Universidade do Rio demonstram em teste ignorar Machado de Assis."

Li este artigo, exatamente quando preparava uma reflexão sobre a minha relação com o Autor, festejado em seus 150 anos, enquanto tópico programático, pois não há como esquecer Roland Barthes, quando diz, "na escola, Literatura é tudo o que se ensina, porque ela se transforma em disciplina".

Se a rima não é solução, o artigo do jornal fez-me repensar a realidade dos nossos Cursos de Letras. O teste foi aplicado em alunos de três das mais conceituadas Universidades do Rio de Janeiro, através de cinco questões, sutilmente elaboradas no sistema de múltipla escolha. O sutil fica por conta de que, se os alunos consultados conhecessem outro "ilustre" da Literatura Brasileira, José de Alencar, poderiam por eliminação, conhecer o mínimo necessário de um dos nossos raros escritores clássicos.

Por que esta reflexão sobre uma "verdade" testada, e constatada num universo que não o nosso? Porque acredito também em

"tristes resultados". É que não aplicando teste de sondagem, porque não faz parte de nossa prática e de nossos objetivos, camufla-se certos (des)apontamentos... No fundo, a certeza de que "alunos de Letras não conhecem Machado de Assis".

E não bastaria este conhecimento mínimo trazido do 2º grau? Obviamente que não. Mas a constatação do vazio intelectual é o primeiro passo para se pensar como estudar Machado de Assis, enquanto matéria concreta, enquanto escritor complexo e, reconhecivelmente, de leitura difícil, mas que resiste ao tempo, às crises, ao desconhecimento, através da sobrevivência de uma obra cada vez mais dinâmica e cada vez mais contemporânea.

O primeiro passo é mostrar a sua importância. Aqui, eu recupero o pensamento não de um teórico da literatura, mas do cineasta Wim Wenders: "Ser moderno é ser contemporâneo. Ser contemporâneo é encontrar explicações para os problemas da atualidade." Machado foi moderno para o seu tempo e contemporâneo para o nosso tempo. Não é difícil demonstrar. Daí a razão de ser cada vez mais presença na história da cultura brasileira, ainda que os alunos de Letras entrem no Curso, desconhecendo sua vida e sua obra. Mistérios de bruxo...

Escrevi e falo consciente de que na ordem de valores não há lugar para tudo e para todos e que, como professora e especialista na área, os meus limites existem, mas são mais indefinidos. No entanto, submeto-me, igualmente, não apenas ao espaço reservado às minhas preferências, mas às obras que sobrevivem e que resistem à metamorfose do tempo, à prova de olhares. Machado de Assis é síntese destes (in) finitos caminhos de uma constante presença na relação Literatura-Ensino.

Daí não mais a perplexidade, mas a necessidade de que, pelo menos, os alunos de Letras conheçam Machado.

Entre tantos confrontos e impasses na relação "poder X saber" está a inclusão incontestável e obrigatória da leitura da obra do escritor, selecionada por contingência programática. Machado de Assis é um dos pontos obrigatórios dos programas que compõem o currículo mínimo de Letras.

Encontra-se aqui o primeiro e principal impasse para este "ilustre" desconhecimento: os alunos de Letras não gostam de ler.

Um paradoxo, apesar de mínimas e relevantes exceções.

Optaram por um Curso que traz explícito no nome, o ato e o fato da escrita e da leitura enquanto processo de formação, que se transformará em **profissão**, cuja prática terá, como objetivo último, o ato e o fato da escrita e da leitura...

Apesar da consciência de que além de desconhecer, os alunos não gostam de ler, a leitura é obrigatória, ainda que pelas práticas e cobranças tradicionais. E vou criando expectativas de reações diversas dos chavões, "não li até o fim", "não gostei", "não dá para entender", "li e não gostei" ... Procuo instrumentos: leituras críticas anteriores e paralelas, em busca de um trabalho que reflita reações marcadas pela diferença. Uma admiração passiva ou "perplexa", para mim, é sintoma do desejo de saber ler Machado de Assis.

E é neste ponto que repito a dedicatória desta minha comunicação na semana que comemora-se os 150 anos de Machado de Assis, aqui na UFSC: é para eles, meus alunos, que nos meus onze anos de Universidade (sete em presença), dividem e dividiram comigo, em semestres contíguos ou alternados, o esforço que eu também compartilho, porque processo, de saber ler, cada vez melhor, os livros de Machado de Assis, e tantos quantos...

Sei que haverá sempre a questão do ponto de vista de que tudo parte de um conhecimento concreto (professor) com uma avaliação espontânea (alunos), mas o bom escritor resiste a esta prova. A prova de olhares resistentes, receptivos, interrogativos, lúcidos, oblíquos, inteligentes, dissimulados e maduros. O que não há é mais lugar para o puro prazer e a rápida fruição. No Curso de Letras, a nossa leitura tem que ter função vivificadora: ler o que antes não víamos, ver o que antes não líamos...

Entre a ousadia criativa de um aluno que fez questão de o tratar durante um semestre de Machado de Assis, incomodou-me muito mais observações tipo: "Machado de Assis **nada** me diz". Este **nada** não é uma posição nihilista ou influência de um ceticismo de final de século ou de um novo milênio... O **nada** é o vazio, o oco resultado de leituras desatentas, de quem só espera "mensagem" e "histórias lineares", de quem não aprendeu a reler, voltar atrás, interrograr-se, pensar com rigor, refletir com seriedade, dar para-

das, levantar os olhos... Sem estas pausas e um conhecimento anterior ao texto e exterior a ele, não é fácil conhecer e entender Machado de Assis.

A resistência ao ato de ler pode ser natural, mas o **nada** não justifica a recusa e o total desinteresse pelas leituras paralelas, manifestados pela apatia silenciosa. Nem mesmo uma manifestação oral, articulada e pertinente, para que possa haver uma ajuda mútua. "Nada me diz" é a posição cômoda de uma geração que não sabe conviver com o diálogo (nem com o diálogo consigo mesmo diante de um espelho...), que acomodou-se aos monólogos da mídia (e por isto não articula "saúdáveis" monólogos interiores), que prefere esconder-se na face oculta de "medalhões" através de pactos e silêncios que, hoje, fazem parte da "razão cínica", a fórmula que procura explicar a nova cara do Brasil.

A partir do "nada" que o aluno me diz, frase que traduz o silêncio do vazio intelectual, tenho procurado construir uma prática do desejo de bons leitores para Machado de Assis, a partir do Curso de Letras, e a conseqüente repercussão no 2º grau. Inicialmente no estágio obrigatório de sua licenciatura e a partir dela, pensar no que é ou não viável para se estudar Machado de Assis, além do exigido na Universidade. A partir daqui vai-se muito além, embora persistam resistência e dificuldades. É que, neste ponto, já tenho espertas (algumas dissimuladas...) Capitus; silenciosos, astutos e precoces Aires; desconfiados Bentinhos, e são eles que viabilizam a relação literatura-ensino. Entre eles, começam a destacar-se leitores maduros, atentos, que conseguem a intimidade necessária com a obra de Machado de Assis, em livro, sem precisar tratá-lo de **Machadão**, como o fez o ex-aluno do Curso de Letras da UFSC, em artigo escrito no jornal **A NOTÍCIA**, Joinville, SC, em 06.08.89, onde expõe o seu "Não gostar de Machadão", a partir da sua experiência eletrônica, em transformar e atualizar o conto **O ESPELHO** (de **Machadão!**), num vídeo de 23 minutos aproximadamente, atividade de pesquisa realizada ainda, enquanto aluno da UFSC. Vídeo que eu vi e gostei, embora o conto eu li e gostei muito mais...

A intimidade com Machado de Assis deve ser com a sua obra, com a sua atualidade e a sua permanência. "Gostar", na Universidade, deve ser apenas um possível resultado de uma ação que o an-

tecede: muito mais consequência do ato, do que o fato da leitura em si.

Com estes leitores que conseguem vencer a si mesmos, não se precisa transformar as aulas sobre Machado, em possibilidade cibernéticas, para integrá-lo na mídia eletrônica e nos meios de comunicação de massa (Machado foi moderno, discutindo a natureza da alma humana, à luz de velas e do luar que vinha de fora...) e não se precisa restringir as leituras na didática (a)ventura da série: PARA GOSTAR DE LER.

Estou procurando traçar uma trajetória: Machado de Assis, ilustre desconhecido no Curso de Letras; os alunos de Letras não gostam de ler; os alunos de Letras não gostam de ler Machado de Assis; Machado de Assis **nada** lhes diz... "Machado é um chato"! Não poderia, no entanto, deixar o testemunho num "último capítulo todo de negativas". Por esta razão, venho mostrando que, ao lado delas, cabe-nos "a boa fortuna" e que as exceções permite-nos um saldo "médio" ainda que não "quite", sem "míngua e sem sobra".

A nossa prática de leitor ruminante, com quatro estômagos no cérebro, por onde passam os atos e os fatos que pareciam estar escondidos, como o queria Brás Cubas, é um exercício disciplinar, que também é apreendido.

E com estes leitores, ainda que, muitas vezes, na espontaneidade de quem só sabe aprender e não apreender; com estes leitores que superam o tempo e o espaço da sala de aula, procurando ir além; com estes leitores que participaram da Semana Machado de Assis, é possível o diálogo e a constante homenagem ao escritor brasileiro, que resiste, especialmente aos que querem nos convencer da "morte do romance" daquele que, ironicamente, escreveu como "defunto-autor" (e agora?!). Machado de Assis resiste, especialmente àqueles que se tornam íntimos inimigos, porque se querem eternamente "novíssimos" e ainda acreditam que a "vanguarda" existe enquanto ruptura. Para estes, resta a farda do Alferes e o espelho da fazenda, "velho, mas bom", até que encontrem a outra metade da laranja.

Mas, no fundo, precisamos desta resistência e da oposição ("nada é tão bom, quanto o gosto da oposição") para ver que Machado muito nos diz. Daí a razão do insuportável, ainda que sustentável, monólogo "professoral" diante da sua obra.

E se eu agora encaixo este "capítulo" é para evidenciar que o meu texto foi construído pela recuperação de quatro semestres (87.1 a 88.2), centrados numa disciplina na qual Machado de Assis é síntese, mostrando a fragilidade da história diante do contemporâneo, garantindo por si a sua permanência, seja por um "certo instinto" de nacionalidade, seja pelo seu diálogo com a literatura universal, seja pelo seu processo criador, consciente de que "viria-a-ser", ainda que para dez ou cinco bons leitores, num Brasil onde, repito, os espelhos velhos continuam bons, de um Brasil que capitula casmurramente as mudanças, de um Brasil com sucessivos emplastos fracassados, tão tedioso quanto à vida de Aires aposentado, tão alucinante quanto Itaguaí e Quincas Borba, tão crédulo de que seu futuro está escrito nas estrelas ou nas cartas da cartomante...

Daí a razão de um texto apaixonado, que está procurando muito mais **falar** com vocês que aqui estão. É o texto do desejo de que vocês, que me escutaram, e que estão aqui pensando na venturosa relação Machado-leitor; literatura-ensino, consigam entender o olhar do narrador "pós-moderno", no silêncio de Aires, um intelectual aposentado, que não encontra lugar, porque não mais sujeito da história; e não mais voz da experiência olha o jovem. Desconfiado das mudanças **coloridas** do Brasil no início da república e do século, reduz-se a espectador de seu tempo. Mas é o mesmo Aires que encontra saída para a superação da crise, crise que também estamos vivendo precocemente. Aires restitui-se a si mesmo, querendo falar; não tendo com quem falar, **escreve**; escrevendo, descobre que há na vida "simetrias inesperadas".

Para aqueles que "detestam" Machado, porque "Machadão nada diz", deixo um recado: "Os andróides evocam a decadência".

Para os que lêem, estudam e procuram entender e gostar de Machado de Assis, evoco a surpresa e a certeza destas "simetrias inesperadas": os neutros espaços do pensar vago de Lalino Salá-thiel de Guimarães Rosa remeteram-nos a Machado; Macabêa, no espelho, vendo o seu narrador como sua imagem, remeteu-nos a Machado. A noite de Natal e as botas pretas de Ana Cristina Cesar remeteram-nos a Machado...

Em plena fragilidade das referências, valho-me de referên-

cias. Mínimas, num contexto de possibilidades vastas deste "ilustre" e "conhecido" Machado de Assis.

Daí que meus alunos já acostumaram com meus costumesiros apelos: "Delirem nas asas do rinoceronte": "Chutem". "Arrisquem". "Falem". Ainda que ciente e consciente do "pós-moderno" medo do goleiro diante do pênalti... E também, ciente e consciente, de que hoje, aos vencedores, nem mesmo as batatas.

